

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS**
Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

LORRANIA MIRANDA NOGUEIRA
TÚLIO HENRIQUE LIMA SILVA

**BASQUETE DA ESCOLA: A construção de uma cultura
escolar de esporte**

MUZAMBINHO

2014

LORRANIA MIRANDA NOGUEIRA

TÚLIO HENRIQUE LIMA SILVA

**BASQUETE DA ESCOLA: A construção de uma cultura
escolar de esporte.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Educação Física,
do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus
Muzambinho, como requisito parcial a
obtenção do título de Licenciatura em
Educação Física.**

Orientador: Prof. Ms. Mateus Camargo Pereira

MUZAMBINHO

2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de ____ de 2014

AGRADECIMENTOS

Eu Lorrانيا Miranda Nogueira, agradeço em primeiro lugar a Deus, o que seria de mim sem a fé que tenho nele.

A minha família que acreditou no meu potencial mesmo quando eu desacreditava. Em especial a minha mãe Maria Cristina Miranda, que em meio a tantas dificuldades sempre priorizou meus estudos e é responsável pelo ser humano em que me tornei. A minha irmã Lauand, que mesmo a distancia demonstrava apoio. Ao Carlos Eduardo que com apenas um sorriso me faz esquecer as dificuldades.

Aos meus familiares de coração, Henrique, Tânia, Thais, Thainara, Edson, Olga, Domingos e Isaura pelo apoio e confiança depositados em mim.

A pessoa mais paciente do mundo, Túlio, por permanecer sempre ao meu lado mesmo quando eu estava insuportável. E como ele mesmo diz nunca encontrarei outro igual, muito menos que me faça almôndegas às 3 da manhã.

As minhas companheiras do Basquete Feminino de Varginha, que proporcionaram a melhor infância e adolescência possível, e continuam presentes em minha vida. Em especial a melhor técnica Silvia Amorim de Carvalho que em meios de gritos e carinho me ensinou a amar o basquete com quase a mesma intensidade que ela. E também ao “Pirapora” que me ensinou que o mais trabalhoso (defesa) rende as melhores conquistas. Todas as experiências que eles me proporcionaram foram as que me prepararam para todos os desafios da minha vida.

Ao Tio Vander, Tia Erika, Ouzana, Fabio e Dona Jose que me inspiraram a ser professora através das suas aulas.

Ao orientador, Mateus Camargo Pereira que com muita paciência e “desgraçadada” nos guiou não somente nesse trabalho, mas em toda nossa formação docente.

A professora Tânia, que com muita disposição e dedicação nos auxiliou nesse desafio. E os alunos do PROETI II, sem os quais impossibilitaria a realização desse estudo.

A todos os meus professores do IFSULDEMINAS, que me demonstraram o leque de possibilidades dos conteúdos da Educação Física.

Aos companheiros do PIBID, que foram os responsáveis pela minha “formação pedagógica” e permanência no curso. Principalmente o meu parceiro Danilo,

que iniciou esse desafio comigo e sempre foi muito companheiro e prestativo, mesmo após sua saída.

A turma do “Partiu pra cima” que facilitou esse longo trajeto. Especialmente Bianca, Danilo, Erik, João, Marina, Mateus, Monica, Ricardo, Stéphane e Wedson pelo companheirismo e conselhos em aulas, trabalhos, estágios e festas.

Ao Dr. Danilo e a Dra. Lucia que através de seus cuidados permitiram essa realização enquanto muitos duvidavam da “nossa” capacidade.

Aos meus amigos e amigas de campeonatos, treinos e cursos, cujo incluo adversárias, porém amigas, companheiros de arbitragem...

E por fim, porém muito especiais, aos amigos Pedro, Letícia, Stéphane que demonstraram tamanho carinho que “emprestaram suas famílias” quando estávamos longe da nossa. E sempre serão da minha família.

A todos aqueles, aos quais não citei o nome, mas que de uma forma ou outra se fizeram presente nesta caminhada de minha vida e sempre me ajudaram. A todos vocês o meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Eu Túlio Henrique Lima Silva agradeço a minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. A minha mãe, Tânia Maria Lima Silva, pelo seu cuidado, dedicação e esperanças que me deu para poder seguir. Ao meu pai, Henrique Pires da Silva, por sua presença oferecendo segurança e certeza de não estar sozinho nessa caminhada, força e coragem para não desistir.

As minhas irmãs, Thainara Lima Silva e Thais Helena Lima Silva, que me deram muito apoio e confiança em toda minha caminhada.

Aos meus avós, tios, primos pelos infinitos incentivos, orações e apoio incondicional.

Ao orientador, Mateus Camargo Pereira, pela paciência, pela força, incentivo, coragem e por acreditar tanto em mim, não só na orientação deste trabalho, mas também na formação docente, algo que levarei para toda minha vida.

A minha “Dedéia”, Lorrانيا Miranda Nogueira, pelo carinho, atenção, paciência e união ao longo desse trajeto.

A dona Cristina, Lauand e a pessoinha Carlos Eduardo, que sempre motivaram e incentivaram nessa caminhada.

A todos os meus professores do IFSULDEMINAS, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Aos grandes amigos que conquistei nessa turma e ficarão em minha vida para sempre, e marcada como a turma “vamos partir pra cima”.

A sincera e verdadeira amizade, companheirismo e atenção de Stéphane Mariane Ribeiro e Pedro Cesar Teixeira (ABU) e todas suas famílias, pois me ajudaram desde o primeiro dia em Muzambinho, e lhe devo muitos agradecimentos.

Ao quinteto fantástico, que se formou desde a segunda semana de aula, Lorrانيا Miranda Nogueira, Marina Bazilio, Monica Andrade e Leticia Maciel, que foram as primeiras pessoas que pela qual em vivi junto em Muzambinho e guardo um carinho todo especial.

Aos amigos eternos, de loucuras, de companheirismo, de ajuda e de muita zoeira, Maurição, João, Ricardo, Marcelo, Santanelli, e muito mais.

Aos educadores, Angela, Jaime e Silvia, pelo total incentivo a iniciar a caminhada como educador físico.

A professora Tania, que com muita disposição e dedicação nos auxiliou nesse desafio. E os alunos do PROETI II, sem os quais impossibilitaria a realização desse estudo.

Aos meus amigos basqueteiros espalhados por todo o estado, principalmente em varginha, que pela qual sempre me motivaram a me tornar educador físico e assim seguir ensinando e aprendendo a viver o basquetebol.

A todos aqueles, aos quais não citei o nome, mas que de uma forma ou outra se fizeram presente nesta caminhada de minha vida e sempre me ajudaram. A todos vocês o meu muito obrigado.

“O nosso maior medo não é que sejamos inadequados. O nosso maior medo é que sejamos poderosos além da conta. É a nossa luz, não a nossa escuridão, o que mais nos assusta. Os atos insignificantes não servem para o mundo. Não a nada esclarecido em se encolher para que os outros a nossa volta não se sintam inseguros. Todos nascemos para brilhar, como fazem as crianças. Não está só em algum de nós, está em todos nós. E a medida que deixamos a nossa luz brilhar, inconscientemente, damos permissão para os outros fazerem o mesmo. Quando nos libertamos de nossos medos, nossa presença automaticamente liberta os outros.”

(Coach Carter – O filme)

NOGUEIRA, Lorrana Miranda; SILVA, Túlio Henrique Lima. **BASQUETE DA ESCOLA: A construção de uma cultura escolar de esporte**. 2014. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2014.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi promover a construção do “Basquetebol da Escola” no Projeto Escola de Tempo Integral na Escola Estadual Cesário Coimbra na cidade de Muzambinho – MG. Para contemplar nosso objetivo utilizamos como norteador as fases da reflexão pedagógica da tendência crítico superadora postuladas por Soares et al., (1992): diagnóstica, judicidade e teleologia. Para isso construímos uma intervenção pedagógica planejada contendo dez aulas, com duração de uma hora cada. Ao oportunizar a prática do Basquete na turma em questão se observou um conhecimento inicial limitado sobre o esporte. Porém, ao final do processo, acreditamos que o estudo cumpriu seu objetivo de construir o Basquete da Escola, com valores destoantes em relação ao esporte de rendimento, tais como solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença e o lúdico.

Palavras-chave: Basquete; PROETI; Tendência Crítica Superadora; Esporte da Escola.

ABSTRACT

The aim of this study is to promote the construction of the “Basketball School” in full-time school project at Cesário Coimbra public school in Muzambinho city - MG. To contemplate our goal, we used pedagogical reflection of surpassing critical trend stages postulated by Soares et al (1992): diagnostics, judicity and teleology. In order to make it possible we produced a pedagogical planed intervention. It contained 10 classes and each class lasts 10 hours. To enhance the practice of basketball in class on issues noted an initial limited knowledge about this sport. However, at the end of the process, we believed that the research was successful by making basketball at school, with mixed values in relation to the sport of income such as sport participation, solidarity, respect for difference and the ludic.

Key words: Basketball; PROETI; Reflection of Surpassing Critical; School Sports.

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

(ACM) - Colégio Internacional da Associação Cristã de Moços

CBC – Conteúdos Básicos Comuns

JEMG – Jogos Escolares de Minas Gerais

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROETI - Projeto Escola de Tempo Integral

SEEMG - Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

SRE - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Uma história do basquetebol.....	14
2.2 O Esporte da escola E esporte na escola.....	15
2.3 A proposta Crítico Superadora.....	17
2.4 O PROETI.....	17
2.5 JEMG X CBC.....	18
3 MATERIAIS E METODOS.....	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	33
7 Anexo.....	35
7.1 Modelo do termo de consentimento.....	36

INTRODUÇÃO

O Basquetebol, criado em 1891 pelo Canadense James Naismith, passa por transformações constantemente. Isso inclui suas regras oficiais e também criações de jogos a partir dele. Como exemplo podemos citar o basquete de rua (street ball), basquete de cadeira de rodas e a mais recente invenção, o jogo 3x3. Acreditamos que essas criações surjam devido a uma demanda de grupos que necessitam de adaptações no jogo para obterem êxito na prática. Porém, no âmbito escolar, o Basquetebol ensinado/praticado continua sendo uma reprodução do alto rendimento como afirmam Rodrigues e Darido (2012). Segundo eles, as aulas de basquetebol nas décadas de 1970 e 1980 e ainda majoritário nos dias atuais, utilizam a perspectiva esportivista. São caracterizadas por aulas apenas para os mais habilidosos e/ou mais altos que representam a escola ou potenciais representantes. Nesta perspectiva todos devem cumprir as mesmas tarefas do mesmo modo. E em sua grande maioria, as aulas são somente praticas. Este fato não ocorre somente com o Basquete. Vago citando Bracht (1996) afirma que o conteúdo esporte é desenvolvido na escola de acordo com regras e normas do esporte de alto rendimento. Ou seja, algo externo à escola reproduzido em seu espaço, “o esporte na escola”. Bracht (1992 apud VAGO, 1996) acredita que essa seria a única forma. Porém, Vago (1996) afirma que é possível “o esporte da escola”, construído pela tensão permanente entre a cultura proposta no ambiente escolar e a cultura fora desse ambiente (alto rendimento).

Sendo assim o presente estudo teve como objetivo promover a construção do “Basquetebol da Escola” no Projeto Escola de Tempo Integral, na Escola Estadual Cesário Coimbra, na cidade de Muzambinho – MG. Partimos da compreensão de Soares (1996) de que “a inteligência dos alunos não é um vaso que se tem de encher, mas é uma fogueira que é preciso manter acesa”. Por esse pressuposto apontamos como objetivo específico construir uma sequência pedagógica que valorizasse o conhecimento prévio dos alunos sobre Basquetebol, adicionado ao ensino de novos conhecimentos que subsidiariam uma transformação do mesmo. Ou seja, a construção do “Basquetebol da Escola”. Conseqüentemente nosso segundo objetivo específico seria proporcionar base para a construção de uma cultura escolar de esporte.

Para contemplar nosso objetivo utilizamos como norteador as fases da reflexão pedagógica da tendência crítico superadora postuladas por Soares et al (1992): diagnóstica, judicidade e teleológica. E também os termos “esporte da escola”, “esporte na escola” e “cultura escolar do esporte”, exposto por Tarcísio Mauro Vago (1996), em sua publicação ¹*O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente- um diálogo com Valter Bracht.*

Justificamos o estudo pelo fato de haver poucos estudos sobre o esporte na perspectiva de construção de um esporte da escola. Também por ser um dos esportes proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pelos Conteúdos Básicos Comuns (CBC) de Minas Gerais, portanto, de abordagem indispensável na escola atual.

REFERENCIAL TEÓRICO

I – Uma história do basquetebol

A história do basquetebol iniciou-se em 1891, quando o professor canadense James Naismith recebeu o desafio do diretor do Springfield College - Colégio Internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), da cidade de Springfield, Massachusetts: criar um jogo que fosse motivante, dinâmico, envolvente, não violento e que, em virtude do rigoroso inverno da região, pudesse ser praticado em ambiente fechado. Portanto, Naismith pegou dois cestos utilizados na colheita de pêssegos, pendurou-os no ginásio, a uma altura de 3,05 metros, explicou a dinâmica do jogo, expôs algumas regras e deu início ao que futuramente se tornaria uma das mais fascinantes modalidades esportivas da atualidade (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009).

¹ VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o " esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um dialogo com Valter Bracht. **Movimento**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.4-17, fev. 1996.

O basquetebol mudou, evoluiu, cresceu, pluralizou-se. É compreendido hoje como um jogo coletivo dinâmico e complexo. Exige de seus praticantes habilidades motoras básicas e específicas, todas as capacidades físicas, bem como múltiplas competências, tais como: cooperação, estratégias, tomadas de decisão, respeito com as regras, com os colegas de equipe e com os adversários, além de um domínio mínimo da lógica técnico-tática, entre outras características presentes em todas as modalidades coletivas (FERREIRA, 2001 apud PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009).

Apesar de tantas evoluções o basquetebol desenvolvido no âmbito escolar, em sua maioria, ainda é a reprodução do alto rendimento. Segundo Greco e Benda (2001 apud CAÇOLA, 2007) os métodos tradicionais levam a uma aprendizagem restrita, pois os educandos não conseguem incorporar o conhecimento teórico: limitados à apresentação prática do professor, são simples executantes de gestos e técnicas, de forma mecânica e automatizada.

II – O Esporte da escola, esporte na escola e a cultura escolar do esporte.

Para contextualizar os termos “esporte da escola”, “esporte na escola” e “cultura escolar do esporte”, que foram objetos do nosso estudo, utilizamos o texto de Tarcísio Mauro Vago (1996), *O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht.*

Bracht entende a escola como um lugar de transmissão de um conhecimento produzido sempre fora dela, por um outro sistema “mais poderoso” (Bracht apud VAGO, 1996, p.6). Esse sistema “mais poderoso”, no caso da Educação Física, é a instituição esporte:

[...] a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição[a instituição esporte], e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um prolongamento da própria instituição esportiva (BRACHT, 1992, p.22).

Também estabelece uma negação radical da possibilidade de se ter o “esporte da escola”, negação que se dá com a presença do “esporte na escola”. Ou

seja, a existência deste impõe-se de tal forma na escola (e à escola), que inibe, inviabiliza, opõe-se, enfim, nega a existência daquele.

Vago, apresentando o argumento de Bracht, explica que nessa situação a ação da Educação Física na Escola se limitaria a ser a “base da pirâmide esportiva”, a fonte dos talentos para o esporte de rendimento. [...] E ainda completa dizendo que [...] isso elimina a possibilidade de o esporte ser escolarizado, de a cultura escolar ter o seu esporte (1996, p.9).

Apontando sua visão Vago diz:

Como afirmou Nóvoa, não se pode ignorar “o trabalho interno de produção de uma cultura escolar”, e agora, como registra Chevel, é preciso perceber “o movimento surgir do interior da escola”, pode-se, então, admitir que a escola – com a sua cultura e o seu movimento interior- tem condições de estabelecer uma relação de tensão entre saber erudito e o saber escolar não se limitando apenas a realizar uma “transposição didática”, ou uma “filtragem crítica” (1996, p.12).

Portanto, afirma e defende que a escola é um lugar de produção de cultura, cabendo a ela tratar do esporte, produzir outras possibilidades de se apropriar dele. Ou seja, “o esporte da escola” compreendendo que este pode intervir na história cultural da sociedade.

Vago ainda ressalta que:

Não se trata, então, de agir apenas para que a escola tenha o “seu” esporte. Trata-se de problematizar a prática cultural do esporte da sociedade (que é, ao mesmo tempo, o esporte da e na escola), para reinventá-lo, recriá-lo, reconstruí-lo, e ainda mais, produzi-lo a partir do específico da escola, para tensionar com aqueles já citados, que a sociedade incorporou a ele (e para superá-los) (1996, p.13).

E por fim, afirma:

[...] que a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, como escreveu Bracht, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo e intervenção na história cultural da sociedade (1996, p.4).

Ou seja, “o esporte da escola” seria pautado nos valores a partir da escola como a solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença e o lúdico, por exemplo (VAGO, 1996, p 13).

III - A proposta Crítico Superadora

Publicada no livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* (Soares et al., 1992) a proposta Crítico Superadora apresenta uma reflexão crítica sobre a cultura corporal, sendo pautado na pedagogia histórico crítica, pela qual visa a formação do indivíduo enquanto sujeito histórico, crítico e consciente da realidade social em que vive. Para isso defende a tematização de forma crítica dos conteúdos como jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (SOARES et al.,1992). Nesta abordagem dos conteúdos possui algumas fases da reflexão pedagógica que são:

- 1) Diagnóstica – fase na qual o aluno tomará conhecimento dos dados da realidade, fará uma interpretação sobre eles.
- 2) Judicidade – nessa fase o aluno sendo um sujeito pensante, fará um juízo de valor, sobre o conhecimento adquirido na fase anterior, levando em consideração sua classe pertencente, assim representando sua visão de classe social.
- 3) Teleológica – por fim o aluno buscará um caminho, podendo preservar a realidade ou a transformá-la, modificá-la (SOARES et al.,1992).

Nessa perspectiva Soares et al. (1992) dizem que o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, projeta uma dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus vários aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola (p.69-70).

IV - PROETI

PROETI – Projeto Escola de Tempo Integral - foi implantado em 2005, pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, sendo continuidade de outros projetos como Projeto Aluno de Tempo Integral, componente do Projeto Escola Viva,

Comunidade Ativa, criado pelo governo do Estado em 2003, com o intuito de fortalecer as escolas em áreas urbanas com população de vulnerabilidade social e sujeitas a índices expressivos de violência. O desafio deste projeto consiste em repensar a escola, tornando-a mais aberta à participação da comunidade e mais inclusiva (LOPES, 2013). Em seu documento denominado Cartilha Escolar de Tempo Integral produzida em 2009, expõe como objetivo melhorar a aprendizagem dos alunos por meio da ampliação da sua permanência diária na escola, e esse aumento deve ser consideravelmente qualitativo, com horas que permitam trabalhar com os conteúdos de forma significativa, revestidos de caráter exploratório, vivenciados e protagonizados por todos os envolvidos na relação ensino aprendizagem (SEEMG, 2009 apud LOPES, 2013). Com isso os esforços foram executados no sentido de se criar um currículo que articulasse a educação com as artes, a cultura e o esporte, contendo uma sequência de atividades em cada área, cujo propósito é sedimentado em reorganização do tempo e do espaço escolar para atender às especificidades recomendadas (LOPES, 2013). Nessa perspectiva o PROETI na Escola Estadual Cesário Coimbra iniciou em 2012, com 96 alunos em 3 turmas. Atualmente atende 40 alunos em 2 turmas. Cada turma possui 8 aulas de Educação Física por semana.

V- JEMG X CBC

De acordo como site oficial do JEMG, o Minas Olímpica/Jogos Escolares de Minas Gerais – JEMG/2014 é o maior e o mais importante Programa esportivo-social de Minas Gerais e faz parte do Programa Estruturador do Governo do Estado. É uma competição esportiva-educacional, podendo participar as escolas dos 853 municípios do Estado de Minas Gerias.

Os Jogos acontecem todos os anos desde 2008, cujo os alunos são divididos em dois módulos, o Módulo I, com alunos de 12 a 14 anos e o Módulo II, de 15 a 17 anos. Seguindo o padrão da competição nacional que é o destino dos campeões do JEMG.

A competição ocorre em quatro etapas sendo que primeira etapa é a municipal e os primeiros lugares de cada modalidade, nos dois módulos, seguem para a segunda etapa, a microrregional. O Estado é dividido em 47 microrregiões e cada Superintendência Regional de Ensino – SRE, ligada à Secretaria de Estado de Educação, auxilia no andamento dos Jogos. Os primeiros lugares das modalidades

coletivas e os 4 primeiros colocados do xadrez levam os alunos-atletas para a 3ª etapa, denominada etapa regional. Essa acontece em 6 municípios do Estado, com as competições de atletismo, basquete, futsal, handebol, voleibol e xadrez.

A 4ª etapa é a estadual, cuja disputam os campeões das 6 regionais (modalidades coletivas, atletismo e xadrez), incluindo as modalidades badminton, ciclismo, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica de trampolim, judô, luta olímpica, natação, peteca, tênis de mesa e voleibol de praia (modalidade de apresentação). Nesta etapa também realizam as competições das modalidades paralímpicas: bocha, futebol de 5, futebol de 7, goalball, judô PCD, natação PCD, tênis de mesa PCD, tênis em cadeira de rodas e vôlei sentado.

Como visto o JEMG segue os padrões de competições esportivas do “alto rendimento” com o objetivo de selecionar os representantes para competição nacional. O que reforça e promove a ideia de esportivização da Educação Física.

O CBC criado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais diz que esporte entendido como campo do conhecimento da Educação Física:

parece não ter sido apenas adotado como seu principal objeto de estudo e intervenção prática, como chega até mesmo a confundir-se com ele, num processo referido como esportivização da Educação Física. Desse modo, o esporte parece ter-se tornado o conteúdo determinante das aulas tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Isso, porém, não tem acontecido sem que críticas sejam feitas às consequências que essa transposição dos sentidos e códigos do esporte de rendimento para o âmbito escolar podem acarretar: tendência ao selecionamento/exclusão, competitivismo exacerbado, especialização e instrumentalização precoces, entre outras (PIRES, NEVES, 2002, apud SEEMG, p.21, 2006).

Tendo em vista, o CBC aponta dupla alternativa para aplicação do esporte no âmbito escolar:

podemos continuar reforçando maneiras excludentes e preconceituosas de vivenciá-las ou apostar no potencial educativo e, particularmente, do tempo e do espaço das aulas de Educação Física como lugar de produção cultural, capaz de sair de seus muros, na perspectiva da transformação dos valores sociais vigentes. Ou, ainda, como nos diz Vago (1999), estabelecer uma “tensão permanente” entre os valores produzidos a partir da escola e aqueles não-escolares (SEEMG, p.21, 2006).

O CBC ainda afirma que:

Para ser entendido como prática educativa escolar, o esporte precisa, portanto, ser situado historicamente e socialmente e vivenciado criticamente a partir da compreensão de seus fundamentos e da re-significação de seus sentidos e significados. Além disso, é preciso conhecer os benefícios e

riscos das diferentes práticas esportivas, bem como analisar os valores que as orientam (SEEMG, p.21, 2006).

Portanto, percebemos uma contradição nas duas propostas administrada pela mesma Secretaria de Educação. Cujas, a do JEMG proporciona o esporte na escola e a do CBC que proporciona o da escola.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza por uma pesquisa qualitativa realizada através de intervenção pedagógica planejada. As formas de coletas de dados utilizadas foram diário de campo, questionário, fotografias, filmagens e registros.

A amostra foi composta por 25 alunos com idade entre 12 e 13 anos, de uma turma do PROETI da E.E. Cesário Coimbra do município de Muzambinho-MG. A escolha deste público se deu pelo fato dos autores terem acesso facilitado a essa turma por conta de trabalhos anteriores na escola.

A intervenção pedagógica planejada utilizou como norteador a abordagem pedagógica crítica superadora, pois segundo Soares et al.(1992) essa abordagem leva os alunos a refletirem sobre sua realidade, formar um julgamento sobre essa e em seguida transformá-la. Foram realizadas 10 aulas, com duração 1 hora cada, realizadas nas aulas de Educação Física do PROETI II.

Abaixo a sequência pedagógica criada:

1ª aula: Diagnóstico

Objetivo: Descobrir o que os alunos sabiam sobre o basquetebol.

Desenvolvimento: Foram projetadas no quadro da sala imagens de personalidades famosas do basquete como Oscar Schmidt e Lebron James, quadras com suas especificidades, equipes profissionais e amadoras tanto a nível internacional como regionais, para que os alunos respondessem o que sabiam sobre elas.

Avaliação: Respostas obtidas através das imagens para sabermos o nível de conhecimento dos alunos sobre o basquetebol.

2ª aula: Jogo, história e regras

Objetivo: Proporcionar vivências do jogo e da história do basquetebol, assim mostrando suas mudanças e as razões para isso.

Desenvolvimento: Proporcionamos uma vivência do jogo do basquetebol, da forma que os alunos conheciam. Após esse momento, questionamos como chegaram a esse exemplo de jogo e a partir disso contemplamos as 14 regras do início do basquete. Vivenciá-las, explicando o porquê foram criadas até chegar às regras atuais. No final indagamos os alunos sobre a experiência proposta para o conhecimento e aprendizagem do jogo.

Avaliação: Observamos as atitudes e o conhecimento dos alunos durante a prática e suas falas.

3ª aula: Alto rendimento

Objetivo: Discutir o basquetebol de alto rendimento e se esse cabia no contexto escolar.

Desenvolvimento: Com as informações obtidas na 1ª e 2ª aula indagamos os alunos se achavam que o alto rendimento é o modelo que deve ser seguido dentro da escola. Em seguida fizemos uma vivência de treinamento com os alunos, com realização de circuitos com arremessos, passes, dribles, fintas, bandejas e marcação. Sempre seguindo o modelo de treinamento esportivo, cujo acerto é prioridade. Ao final voltamos a questioná-los acerca do alto rendimento.

Avaliação: Comparação das falas iniciais e finais dos alunos.

4ª aula: Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG)

Objetivo: Debater o modelo proposto para o basquete da escola.

Desenvolvimento: No início perguntamos se sabiam o que era e se haviam jogado o JEMG ou inter classes. Explicamos as semelhanças e diferenças com o alto rendimento. E demonstramos que geralmente serve de base para ele. Comparamos fotos das equipes que disputam JEMG e que representam suas cidades. No final perguntamos as impressões dos alunos.

Avaliação: Comparação das falas iniciais e finais dos alunos.

5ª aula: Mídia

Objetivo: Debater a influência da mídia no basquetebol.

Desenvolvimento: Inicialmente perguntamos se acham que a mídia influencia o basquete e outros esportes. Como? E se reflete na escola? Recordamos as alterações de regras feitas por influência da mídia. E demonstramos como o basquetebol “espetáculo” pode ser lucrativo.

Avaliação: Através das falas dos alunos.

6º aula: Gênero

Objetivo: Problematizar a questão de gênero.

Desenvolvimento: Iniciamos o debate com uma provocação que se sabiam que homens dominam os esportes e isso não é diferente no basquete. Indagamos quem concorda, quem discorda e quem se sente incomodado, para poder gerar uma reflexão. Também se seria possível homens e mulheres jogarem juntos. Mostramos vídeos e imagens de homens e mulheres no basquetebol fazendo comparações.

Avaliação: Através das falas dos alunos.

7ª aula: Alterações do basquete casual

Objetivo: Demonstrar e debater as possibilidades de outros basquetes.

Desenvolvimento: Indagamos os alunos se conheciam outras possibilidades de basquete. Demonstramos o 3X3, basquete de rua, basquete de areia, cadeira de rodas e vivenciamos.

Avaliação: Observação dos alunos.

8ª Aula: Construção do Basquete da escola

Objetivo: Construir o basquete da escola.

Desenvolvimento: Propusemos a construção do basquete da escola. Foi discutido se iriam fazer um jogo em conjunto ou em grupos e depois escolher o melhor. Se jogariam entre si ou com outras turmas. E as únicas regras para criação do jogo seriam: ter de ser inclusivo e o elemento a ser mantido “cesta”. Instruções: O jogo

deveria ser criado e testado pelo grupo. As regras seriam descritas e entregue a nós como as tarefas que cada aluno executou.

9ª aula: Construção

Objetivo: Construir o basquete da escola.

Desenvolvimento: Construção e teste dos jogos, pois em uma única aula ficaria como tempo insuficiente.

Avaliação: Participação e comprometimento dos alunos.

10ª aula: Aplicação do basquete da escola

Objetivo: Promover o basquete da escola criado.

Desenvolvimento: Alunos praticam o basquete criado, e ensinam o outro grupo a jogar, em seguida se escolhe qual o melhor jogo e se esse jogo resultara em um jogo de todos.

Avaliação: Observação da aplicabilidade e organização do jogo criado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para orientar nosso processo pedagógico, utilizamos como roteiro as fases da reflexão pedagógica Crítico Superadora postuladas por Soares et al (1992): diagnóstica, judicidade e teleológica. Sabemos que muitas vezes a dinâmica escolar favorece que ambas aconteçam simultaneamente. De qualquer forma, tentamos seguir a sequência enunciada pelos autores.

Assim iniciamos as duas primeiras aulas com a fase denominada diagnóstica. Na primeira aula através de imagens de personalidades, espaços físicos do jogo e equipes, observamos que o conhecimento dos alunos se limitava em saber que o objetivo do jogo era a cesta. Desconheciam personalidades presentes na mídia atual como Oscar Schmidt e Lebron James, e até atletas da equipe municipal.

Na segunda aula os alunos vivenciaram a criação e transformação da historia e regras do basquete, ficando mais nítido o limite dos seus conhecimentos sobre o esporte. Isso não atrapalhou o entendimento e desenvolvimento dos alunos durante

a aula. Estes fatos explicam – se nas falas de alunos e da própria professora que relatam que quando o conteúdo basquetebol foi trabalhado na turma em questão, se configurou como retratado por Rodrigues e Darido (2006), no qual afirmam que as aulas de basquetebol, nas décadas de 1970 e 1980, e ainda bastante presente nos dias atuais, utilizam a perspectiva esportivista. Esta concepção se caracteriza com aulas apenas para os mais habilidosos e/ou mais altos que representariam a escola ou poderiam ter sucesso na modalidade. Nela todos devem cumprir as mesmas tarefas e de forma mais idêntica possível ao professor. E em sua grande maioria as aulas são somente práticas (2006, p. 83-84).

Nós esperávamos que o basquete fora do ambiente escolar influenciaria o basquete conhecido pelos alunos, pela forma como era desenvolvido. Porém após a fase diagnóstica observamos que não era o caso nessa turma. Pois não havia uma cultura escolar de esporte (basquete) contrariando Vago (1996) que diz:

[...] a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, como escreveu Bracht, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo e intervenção na história cultural da sociedade (p.4).

Entretanto corroboramos com Vago e acreditamos numa cultura escolar de esporte. Assim apontamos a fase diagnóstica como o início da cultura escolar do basquete, pois ao final dessa os alunos compreendiam o estágio de conhecimento que possuíam, o porquê da criação e transformação do basquete.

Portanto, continuamos nossa sequência a fim de criar uma cultura escolar de esporte, mais especificamente o “basquete da escola”. Com a fase denominada judicidade, cuja cada aula continha um tema: alto rendimento, JEMG, Gênero, Mídia e alterações do basquete casual. Com o objetivo de aumentar o conhecimento dos alunos e provocar um juízo de valor sobre estes temas assim os preparando para a próxima fase.

Como exposto por Vago (1996):

a escola pode, por exemplo problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo o ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludentes e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo(p.12).

Em função disso, nesta fase preocupamos em deixar os alunos criarem suas próprias ideias sobre os temas, principalmente sobre reprodução do alto rendimento no contexto escolar. Para isso explicamos o objetivo da aula que era oferecer uma vivência do alto rendimento. Durante conversa percebemos que a maioria dos alunos não sabia o que era alto rendimento, após explicarmos, perguntamos o que achavam da reprodução deste na escola. Alguns disseram que teria que ser assim mesmo e outros que não. Posteriormente, iniciamos a prática.

Na primeira atividade de manejo de bola alguns alunos já relataram dificuldades e desmotivação pela aula e a prática de basquete. E esse tipo de relato foi aumentando de acordo com a dificuldade das atividades. Sempre que realizavam uma atividade os indagávamos sobre as dificuldades e facilidades e seus pensamentos/sentimentos sobre a prática.

Na ultima atividade explicamos que muitos exercícios de defesa são utilizados como punição por técnicos e vivenciamos um. Os alunos perceberam que a posição de defesa não é agradável e por isso o motivo de ser usado como punição.

Ao final da aula apontaram alguns motivos porque o alto rendimento não cabe na escola: 1) Cada aluno gosta de uma modalidade; 2) O tempo de aula e a quantidade semanal não são suficientes para treinamento; 3) O treinamento é repetitivo, então ficariam sem motivação. Os alunos também apontaram a opção de treinamento fora do horário da escola para os que quisessem, como ocorre com handebol na escola em questão.

Nosso intuito era aplicar uma aula para cada tema, porém o desenvolvimento e entendimento da turma permitiram tratar dos temas JEMG, Mídia e Gênero em uma única aula. Inicialmente pedimos para os alunos relembrem as aulas anteriores, isso serviu como feedback, assim avaliamos a nossa intervenção como satisfatória até o momento.

Após projetamos o logo do JEMG e indagamos se sabia o que era. Rapidamente os alunos explicaram a sigla e nada mais. Então perguntamos já jogaram, sabem como funcionam? Ninguém da turma havia participado. E os seguintes relatos aconteceram.

Aluno 1: Fui escalada para jogar handebol no JEMG mas minha mãe não deixou.

Aluno 2: Nunca joguei porque sou ruim. Só quem treina (fora da escola) que joga.

Aluno 3: Só quem é bom joga.

Em seguida sentimos a necessidade de explicar como se dá a competição em geral (fases e objetivos) e mostramos fotos de equipes da região para comparação. Os alunos imediatamente perceberam que os mesmos que jogavam pela escola eram os que jogavam pela equipe da cidade. E chegaram à conclusão que isso acontece por causa da competição exigir resultados e ter os padrões do alto rendimento.

Como dito Rodrigues e Darido (2012),

É importante destacar que existem de fato inúmeras diferenças entre rapazes e garotas. Desde a infância, os meninos são incentivados a praticar as brincadeiras mais agressivas e mais livre: jogar bola na rua, soltar pipa [...] e realizar atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas a praticar tais brincadeiras e atividades. Esse tratamento diferenciado reflete-se em desempenho motor igualmente diferenciado (p.96-97).

A partir dessa reflexão, elegemos gênero como um dos temas de nossa aula, corroborando com Rodrigues e Darido (2012) que apontam, enquanto professores além de estimular o reconhecimento e reflexão sobre as diferenças entre os alunos, também podemos utilizar o esporte como eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e aceitação das características individuais (p.97).

Assim para iniciar o tema gênero provocamos os alunos dizendo que como em todos os esportes as mulheres são inferiores aos homens. E percebemos a revolta de algumas alunas. Um aluno ficou confuso e falava alto: “São. Não são. São. Não são”. Pedimos para ele se decidir e ele disse são, elas jogam piores.

Para aumentar o debate passamos um vídeo da Britney, uma jogadora americana que de acordo com especialistas americanos, é a junção das melhores partes, dos melhores jogadores americanos. E os comentários durante o vídeo eram “como ela é grande”; “como joga bem”; “ela é forte”; “joga melhor que homem”. Pausamos o vídeo e perguntamos se achavam que mulheres podiam enterrar (e explicamos o que era) e a sala ficou dividida retornamos ao vídeo e Britney deu várias enterradas e os comentários foram “que isso”; “nem sabia que podia fazer isso”. E até a professora expressou sua surpresa ao ver o nível de habilidade da atleta.

Ao término do vídeo retornamos a perguntar: se mulheres são inferiores no basquete, se elas conseguem jogar tão bem quanto os homens? E após discussão

eles concluíram que com treinamento podem até ser melhores. Para contextualizar contamos um pouco da história de Britney.

Em seguida mostramos imagens da Laura Jackson, Karla, Adrianinha e uma jogadora do Iraque. O que chamou atenção dos alunos pelos seus trajes e a debater sobre a cultura mulçumana e como isso afeta as atletas. Outra questão foi sobre o tamanho das atletas, pois perceberam que mesmo as menores chegam ao alto rendimento e que no masculino isso também ocorre.

Para encerrar a aula projetamos no quadra a frase “Qual é a influência da mídia no basquete? E os alunos apesar de nos surpreender a todo o momento pelos seus conhecimentos e entendimentos não sabiam o que era influência e muito menos mídia. Após explicarmos os conceitos resolvemos dar exemplos para contextualização tanto no basquete quanto em outros esportes.

Aproveitamos o fato que o Grêmio (equipe de futebol) havia sido desclassificado na Copa do Brasil por racismo de seus torcedores. Perguntamos se não existisse mídia como saberiam do fato. Tiveram dificuldade para imaginar, tanto que suas respostas iniciais eram pelas redes sociais, pela televisão, pela internet, mas ao final disseram que se soubesse seria depois de meses.

Com isso relatamos outros fatos de racismo e homofobia que ocorreram no basquete e no vôlei e não obtiveram tanta divulgação. Uma aluna disse que era pelo fato de só passar futebol na televisão aberta e assim chegamos ao objetivo da aula.

Perguntamos por que achavam que não passavam basquete? Se o não passar prejudicava ou ajudava o basquete? Responderam que não passa porque poucos iriam ver. E que o não passar prejudica porque ninguém sabe o que acontece e o que é. Falaram que só transmitir futebol acaba deixando eles sem opção. Que os atletas de futebol são prejudicados com o horário dos jogos por causa da novela. Assim avaliamos que os alunos conseguiram relacionar a influência da mídia no esporte e no basquete.

A próxima aula teve como tema as alterações do basquete casual, com o objetivo demonstrar que é possível adaptar o basquete para várias situações e que não fomos os primeiros a pensar nessa possibilidade. Para isso proporcionamos a vivência do basquete de cadeira de rodas, 3X3, basquete de rua e basquete de areia.

Na vivência do basquete de cadeira de rodas como não tínhamos nenhuma cadeira própria, adaptamos o jogo com cadeiras normais da escola. O que provocou a dificuldade nos alunos de arremessar sentado e de locomoção. E falas como "se tivéssemos rodinhas seria mais fácil"; "é muito difícil".

No jogo 3x3 começaram a entender o porquê se adapta um jogo. Visualizamos isso através das falas "quando se tem muita gente jogando, dividir a quadra daria para mais gente jogar no mesmo tempo", "se fosse cinco jogadores para cada lado em meia quadra ficaria apertado".

No basquete de rua realizamos os movimentos mais utilizados como rodar a bola no dedo indicador e colocar a bola dentro da camiseta o que despertou bastante o interesse dos alunos que ao executarem diziam "é muito divertido"; "é como rodar livro". Acreditamos que isso ocorreu devido a prática possibilitar:

[...] aos praticantes grande liberdade de criação e improvisação de movimentos, já que as regras são menos rígidas que as do jogo formal, [...]. Além disso, valoriza-se a habilidade tanto na realização dos movimentos como na realização das jogadas, sendo que a cesta, em alguns momentos, é um mero detalhe. (RODRIGUES; DARIDO, 2012, p.59).

O basquete de areia pelo terreno limita o drible o que provocou um maior número de passes entre os alunos, assim uma participação mais efetiva de todos.

Acreditando que os alunos assimilaram os temas e construíram um juízo de valor sobre estes. Partimos para ultima fase denominada Teleológica que segundo Soares et al. (1992) se caracteriza por transformar os conhecimentos em saberes científicos. Ou seja, construir um "basquete da escola" a partir dos conhecimentos adquiridos.

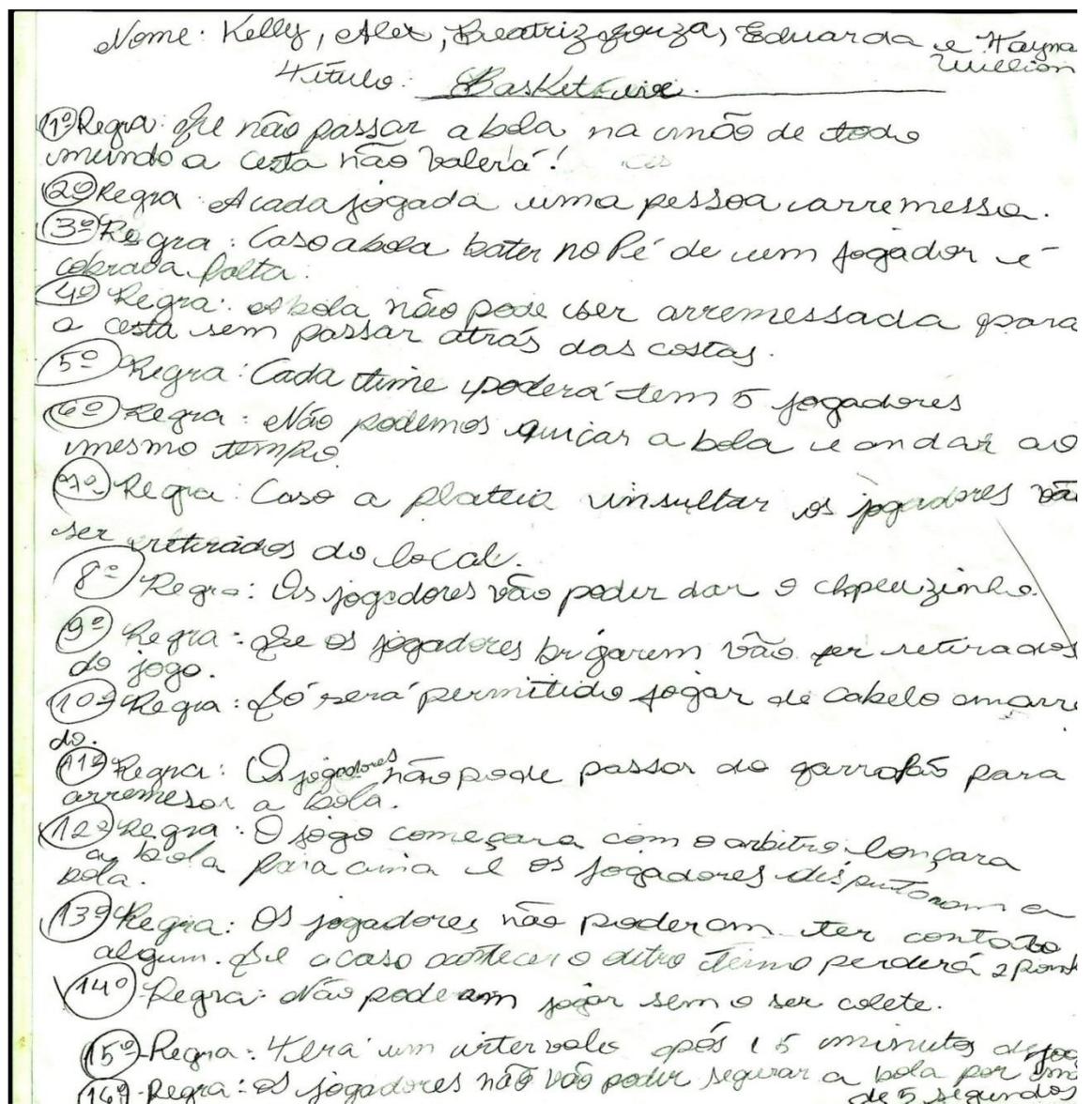
Utilizamos três aulas para esta fase como planejado, colocando os alunos como protagonistas do processo. Na primeira aula apontamos os critérios para construção do jogo "inclusão" e "manter a cesta como o objetivo do jogo" e que a turma seria dividida em dois grupos. Porém não foi possível dividir os grupos e iniciar a construção, pois havia apenas cinco alunos presentes. Na segunda aula com a presença de todos repetimos os apontamentos, dividimos os grupos e iniciamos a construção.

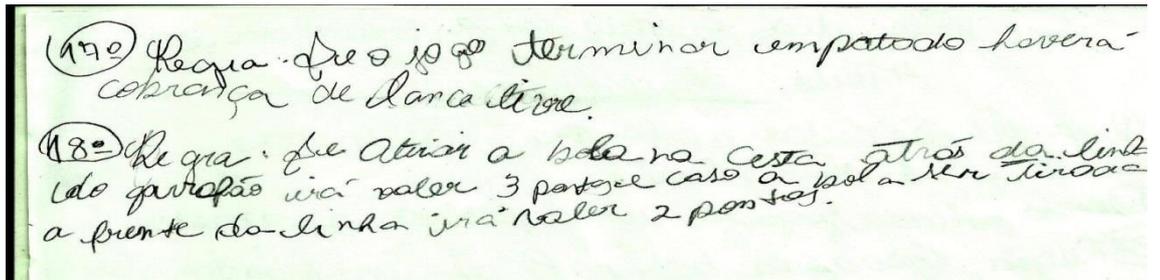
Durante a construção destacamos que as primeiras regras criadas relacionavam-se com a conduta disciplinar dos jogadores e até da torcida, o que surpreendeu a nós e a professora, pois essa turma apresentava indisciplina

recorrentemente. E nenhuma das aulas abordou o fato das regras oficiais do basquete punir a indisciplina. Portanto acreditamos que isso aconteceu devido uma demanda dos alunos por regras que organizasse não somente o jogo, mas também quem o visse. Ou seja, uma demanda da cultura escolar.

A terceira aula da fase teleológica, também última do plano de aula conteve a aplicação dos jogos e concretização “da cultura escolar de esporte”, mas especificamente o “basquete da escola”. O grupo denominado “Basquete Five” apresentou as regras criadas e deu início ao jogo.

Figura 1 – Basquete criado pelo grupo Basket Five

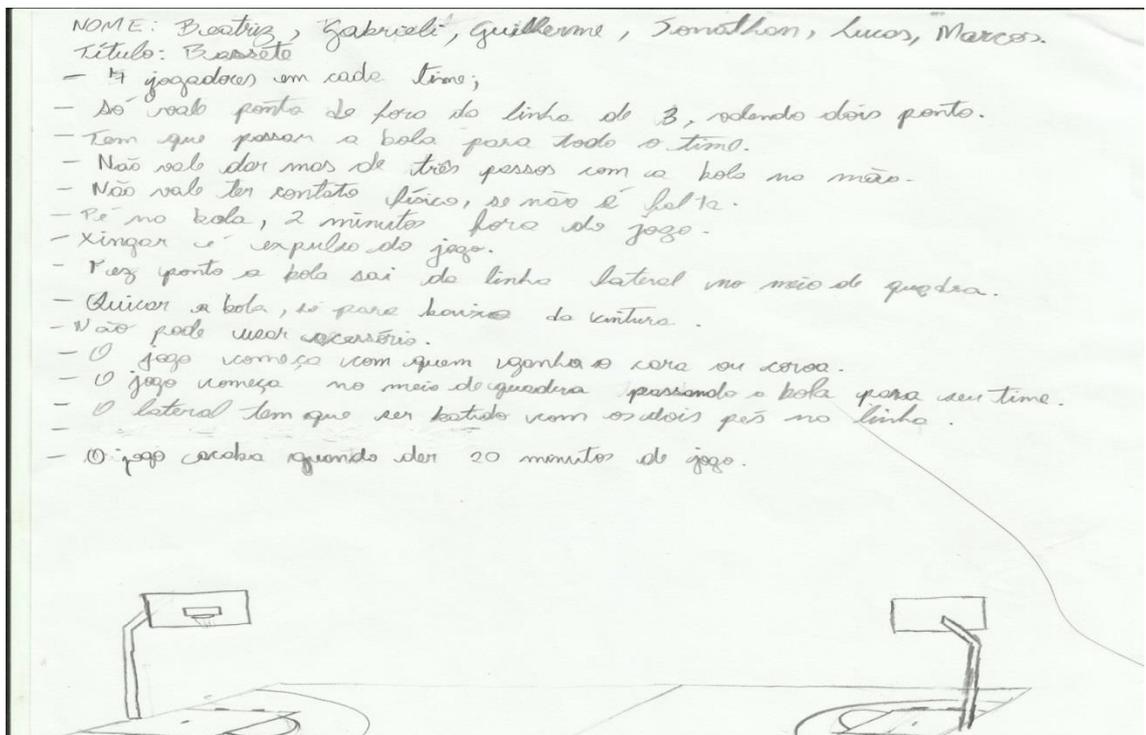




Como nosso intuito era de promover o protagonismo dos alunos todas as dúvidas ocorridas teriam que ser solucionadas pelo grupo construtor do jogo. Isso criou uma brecha para o grupo “Basquete Five” utilizar esse “poder” para tentar ganhar o jogo o que não ocorreu. Ao final do jogo havia acontecido apenas uma cesta, os alunos concluíram que, devido a dificuldade que as regras de ter que passar a bola por todos jogadores antes dessa ser arremessada para cesta e associada ao fato do arremessador ter que passar a bola em volta do corpo antes da finalização. Também apontaram o fato do grupo utilizar as regras quando convinham.

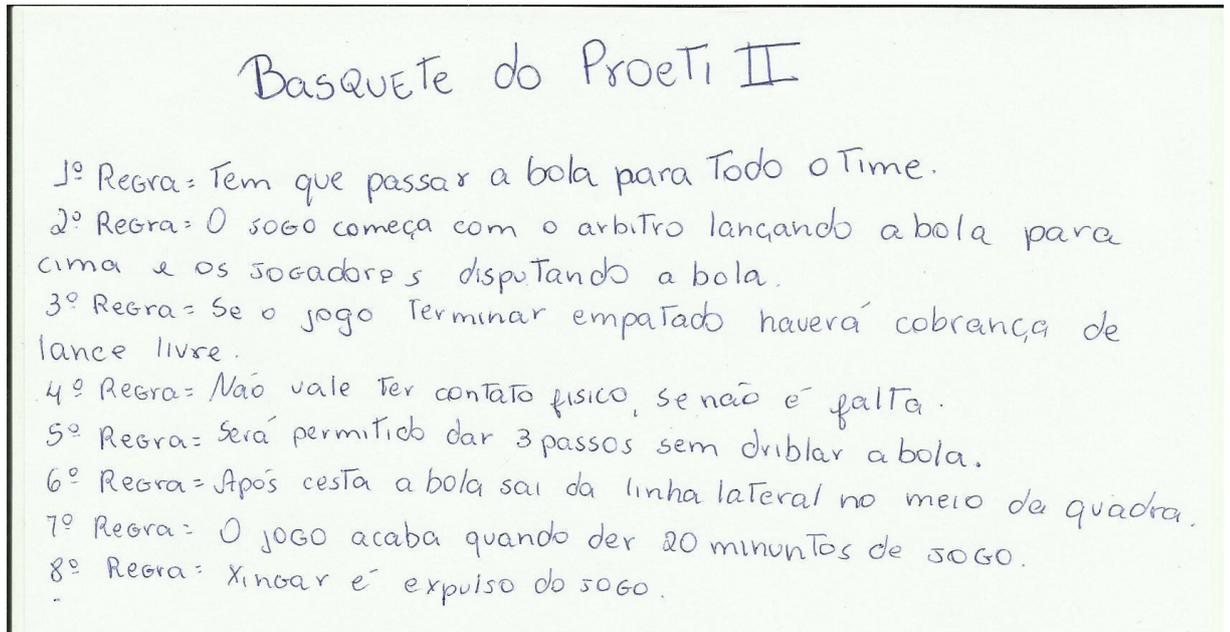
O segundo grupo se autodenominou “Bassete” e contrariando o pensamento do grupo anterior não utilizaram as regras ao seu favor. Assim ao final do jogo os alunos concluíram que a dificuldade do jogo foi só valer cestas de três pontos.

Figura 2 – Basquete criado pelo grupo Bassete



Para finalizar indagamos se elegeriam o jogo melhor ou uniriam as melhores regras para criar um jogo novo. Decidiram unir, escolheram, denominaram “Basquete do Proeti II” e em seguida jogaram.

Figura 3 – Basquete criado pelo PROETI II



Este jogo apresentou maior dinamismo e divertimento que os anteriores. Oportunizou a inclusão de todos dentro do jogo e assim a criação do “basquete da escola”.

Como encontrado por Bracht em seu estudo houve uma “transformação do esporte em objeto de ensino” [...] mas principalmente houve uma produção de novas formas de praticar o esporte na escola. Ou seja, produzimos uma *cultura escolar em relação com o conjunto das culturas em conflito numa dada sociedade, mas com especificidades próprias (...)* como defende Nóvoa (VAGO, 1996, p.16).

Assim, entendemos que como na pesquisa de Bracht nosso estudo mostra a possibilidade concreta de se estabelecer uma relação de tensão entre o esporte da escola (com seus códigos próprios) e o esporte como prática cultural da sociedade [...] (p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oportunizando a prática do basquete na turma em questão se observou um conhecimento inicial limitado sobre o esporte. Associado que boa parte da turma

possuir o conceito de Educação Física como momento de lazer (atividade) gerando um desinteresse na prática do basquete no âmbito escolar e fora dele.

Apontamos que esses fatores motivaram os alunos e principalmente nós na busca do conhecimento. Também que utilizar as fases da reflexão pedagógica Crítica Superadora postuladas por Soares et al. (1992) como norteador facilitou alcançar o objetivo do estudo de construir o “basquete da Escola”. Proporcionar aos alunos o protagonismo das aulas demonstrou uma ótima ferramenta para despertar o interesse dos alunos, assim aumentando o rendimento nas aulas.

Ao final do processo acreditamos que o estudo cumpriu seu objetivo de construir o Basquete da Escola, isso fica nítido com a realização do “Basquete do Proeti II” que demonstrou a evolução de conhecimento da turma que se limitava em saber que no basquete se faz cesta, chegando à construção do “basquete da escola” com regras complexas. Essas que foram construídas com base nos valores a partir da escola como a solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença e o lúdico.

Assim, entendemos que proporcionamos uma base para a criação de uma cultura escolar de esporte. Porém para maiores conclusões se faz necessário sua aplicação em outras turmas. Destacando que como cada turma possui suas especificidades “novos basquetes da escola” serão construídos.

REFERÊNCIAS

CAÇOLA, Priscila. A Iniciação Esportiva na Ginastica Ritmica. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.9-15, mar. 2007. Trimestral.

LOPES, Fátima Abadia de Oliveira. **FUNCIONAMENTO DO PROJETO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL – PROETI: USO OTIMIZADO DO TEMPO E ESPAÇO EM DUAS ESCOLAS DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE PATROCÍNIO – MG**. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <<http://www.mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2014/02/dissertacao-2010-fatima-abadia-de-oliveira-lopes.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

PAES, Roberto Rodrigues; MONTAGNER, Paulo Cesar; FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do esporte : iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. **Basquetebol na escola: uma proposta didático-pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Conteúdo Básico Comum – Educação Física (2006). Educação Básica – Ensino Médio

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.6-12, fev. 1996.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

VAGO, Tarcisio Mauro. O "esporte na escola" e o " esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um dialogo com Valter Bracht. **Movimento**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.4-17, fev. 1996

ANEXOS

Anexo 1 – Modelo do termo de consentimento



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- Campus Muzambinho -

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada basquetebol da escola, sob a responsabilidade dos pesquisadores Lorrانيا Miranda Nogueira e Túlio Henrique Lima Silva, sob a supervisão do orientador Mateus Camargo Pereira e Tânia Cristina Poscidônio Fernandes.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender as possíveis formas de se trabalhar o basquetebol dentro da escola.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador na escola Municipal Cesário de Coimbra no período de aula matutino.

Sua participação será nas aulas de educação física, ofertadas pela escola e nela obter conhecimento e pratica do basquetebol, onde iremos coletar questionários, imagens, vídeos e observação das praticas, onde esse arquivo sera usado somente para meios acadêmicos, não sendo divulgadas em nenhum outro local e após o uso serão descartadas.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Lorrانيا Miranda Nogueira (35)91553380 e Túlio Henrique Lima Silva (35)98124537 ou IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, localizado na rua Dinah, sem numero, bairro kannan, cep 37890000

Muzambinho, dede 2014

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável do Participante da pesquisa